

# As Infâncias, o Espaço e o Lugar na Educação Infantil

*Crislaine Ribeiro da Silveira* (\*)

*Mônica de Carvalho Teixeira* (\*\*)

## As Infâncias

Compreender a concepção de infância que contempla as infâncias existentes atualmente é de suma importância para bem organizar e dirigir um trabalho pedagógico significativo com as crianças na faixa etária de 0 a 5 anos inseridas na educação infantil, seja pelas mãos do poder público, seja de ordem privada. Usado no plural o termo *infâncias* refere-se à diversidade social, econômica, racial, étnica, cultural, religiosa e de gênero; a singularidade das crianças; entendendo-a como uma construção social, cultural, histórica e geográfica. Porque a criança constrói sua história inserida na sociedade, em uma determinada época, enriquecendo-a com sua cultura e ela é uma criança de um espaço geográfico que ocupa um lugar no mundo. Infância é uma etapa da vida da criança. Dessa maneira, as infâncias e as crianças não seguem às regras de desenvolvimento pré-determinadas e consideradas como universais, pois sendo sujeitos únicos se desenvolvem em seus ritmos e estágios próprios.

Sendo a infância uma construção da sociedade, o pensar sobre e o modo de agir com as crianças foi se modificando com o passar dos séculos. O reconhecimento da existência de um ser considerado, até então, um adulto em miniatura, que na verdade era uma criança vivendo sua infância, ocorreu na Europa, na transição do século XVI para o século XVII, período em que a criança obteve cuidados da ama de leite ou da própria mãe, no momento de maior necessidade. Devido ao alto nível de mortalidade infantil, algumas crianças eram levadas pelas suas amas de leite para serem criadas nas casas de campo ou nas fazendas longe das doenças e da poluição da cidade; assim que o risco de morte desta criança fosse considerado nulo, eram introduzidas no mundo dos adultos sendo colocadas para

---

(\*) Estudante do curso de Pedagogia da Faeterj/Três Rios-RJ – FAETEC.

(\*\*) Mestre em Educação pela Universidade Católica de Petrópolis e professora da Faeterj/Três Rios-RJ – FAETEC.

trabalharem. “De criancinha pequena, ela se transformava imediatamente em homem jovem, sem passar pelas etapas da juventude” (ARIÈS *apud* LOPES e VASCONCELLOS, 2005, p.19). Com as meninas não era diferente, crescidas aos olhos de sua família, aprendiam os ofícios do lar e logo lhe arranjavam um casamento.

Não havia preocupação em relação à contagem da idade das crianças, com suas roupas, lugares para sua diversão, e principalmente com sua escolarização. Aprendia-se o básico no seio da própria família. Não tinha a criança como diferente do adulto, que por estar em uma fase específica da vida, desconhecida por eles, precisava de um atendimento próprio. O modo de agir e pensar sobre a criança caracterizava a cultura, os costumes e a tradição de como se criar uma criança na época. Com o passar dos anos novas culturas, valores, costumes, modos de pensar foram introduzidos na sociedade devido ao esclarecimento de ideias e pensamentos de alguns estudiosos, começando por Comenius, perpassando por Rousseau, Montessori, Decroly, até chegar a Piaget e, mais recentemente, Vigotski.

### **A teoria histórico-cultural: concepção e ações**

A teoria histórico-cultural foi pensada e elaborada por Lev Semionovitch Vigotski e alguns colaboradores; suas ideias ganharam destaque e, hoje, se difundiram. É defendida e colocada em prática no meio educacional por alguns profissionais. Sua perspectiva foi inspirada no materialismo dialético, defendido por Karl Marx (1818-1883) e Friedrich Engels (1820-1895). Nas palavras de Rego, encontram-se a seguinte definição sobre o materialismo dialético:

Nesta perspectiva, a premissa é de que o homem constitui-se como tal através de suas interações sociais, portanto, é visto como alguém que se transforma e é transformado, nas relações produzidas em uma determinada cultura (REGO, 2008, p. 93).

O desenvolvimento humano se concretiza por intermédio das trocas constituídas através da interação na sociedade, constituindo de tal maneira a dialética do processo. Na educação de crianças pequenas, como a teoria histórico-cultural se aplica? Desde muito cedo as crianças aprendem com o seu meio social mais próximo: os pais. São inseridas na escola e continuam aprendendo e demonstrando o que aprendem a cada momento, então, elas constroem sua história, produzem cultura, utilizam-se da imaginação, criatividade e da brincadeira para

realizarem seus desejos e, seu meio social se amplia por intermédio da interação com seus colegas e com os adultos.

A mediação do professor no processo de ensino-aprendizagem cria possibilidades para as crianças desenvolverem suas funções mentais e, conseqüentemente, aprenderem. Mas, não é garantia de que a criança aprenda determinada tarefa no momento proposto, cada criança tem um ritmo de aprendizagem e alguns precisam mais da colaboração do professor que outras. A ação colaborativa não é algo próprio do professor nas atividades escolares, mas pode ser realizada por colegas mais experientes e se efetiva também, no meio social da criança, ou seja, nas trocas de experiências oferecidas pelas brincadeiras, na utilização de algum objeto, no contato com seus familiares, enfim, todo o contato que a criança tem cria possibilidades para ela aprender.

Um importante conceito é a Zona de Desenvolvimento Iminente, que é o que a criança realiza com a mediação do adulto ou outro parceiro em uma determinada atividade, pois ainda não tem as funções totalmente amadurecidas para a realização da mesma. Porém, em uma ação colaborativa, seja do professor ou de outro parceiro, pois como já foi dito a aprendizagem não é algo inerente da escola, cria-se possibilidades de desenvolvimento, característica fundamental da zona de desenvolvimento iminente.

Com as contribuições da teoria histórico-cultural à educação, é possível pensar e efetivar uma prática pedagógica em que o professor seja o mediador do processo de aprendizagem das crianças, respeitando que cada uma tem seu tempo para conquistar os conhecimentos necessários e sendo ele criador das possibilidades para que ocorra o desenvolvimento das funções psicológicas das mesmas.

### **Espaço físico e lugar**

O espaço físico tem um significado para as crianças que interagem com os outros aprendendo, vivenciando conflitos, demarcando territórios e estabelecendo regras e aos poucos este espaço vai ganhando status de lugar, devido ao grande valor afetivo transposto para ele pelas crianças. Tal transposição é possível porque a interação criança/criança e criança/professor baseadas em uma perspectiva que considera a diversidade infantil e não impedem as crianças de fazer da escola um lugar vivo em meio ao espaço físico, oportuniza à elas a reconfiguração, a reorganização e a reconstrução desse espaço tornando-o lugar para

cada um dos envolvidos, pois ele não tem o mesmo valor para todos. Constituem-se, então, seus territórios usados.

O tempo é outro importante fator que contribui no processo de ensino-aprendizagem não só das crianças pequenas, porque não está se falando somente do tempo cronológico que as crianças têm um horário parcial ou integral para permanecerem na creche ou na pré-escola, mas do tempo de aprender de cada sujeito, dos ritmos de cada um. Não se leva em conta que se determinada criança ainda não aprendeu determinado conteúdo é porque, certamente ela ainda não atingiu o estágio necessário, mas que em um dado momento ela irá aprender e por isso ela necessita da mediação do professor, por se encontrar na zona de desenvolvimento iminente.

Estabelecer o tempo para o trabalho com as crianças, precisa-se ter conhecimento e domínio do espaço que existe na instituição; este espaço é fator determinante das rotinas empregadas dentro das instituições de educação infantil. A rotina empregada pelos profissionais deve levar em conta o espaço e o tempo que se dispõem, cabendo ao professor a flexibilidade para articular da melhor maneira o tempo das crianças no espaço construído para elas, não a encarando com algo rígido e impossível de ser adaptado. Infelizmente, a grande preocupação de algumas instituições de educação infantil é a criança estar no tempo social de aprender (LOPES, 2010), este tempo é o tempo construído para a criança e não com elas (constituído por um olhar adultocêntrico), padronizado pelo sistema e não respeita o tempo de cada criança. Esta forma de se conceber o currículo orienta o que ela deve saber ao final do ano letivo e determina a aprendizagem e, este modo de pensar, foi instituído pela Modernidade, pois imaginava-se possível o ser humano dentro de um padrão determinado. Assim, o processo de ensino-aprendizagem não leva em consideração o tempo de aprender, a diversidade de cada um, considerando que todos aprendem dentro de um mesmo ritmo imposto pela sociedade, por isso, não se faz tão necessária a mudança das práticas pedagógicas. Hoje, tem-se consciência de que o andamento do processo ensino-aprendizagem nos estabelecimentos de ensino deve priorizar a bagagem cultural de cada estudante, contribuindo com isto, para um olhar mais individual do processo de ensinar e aprender. “A escola ocupa um lugar, em um espaço e em um tempo determinado” (SANTOS, 2009, p. 132), por isso sua organização mais significativa para as crianças atendidas seria a que elas pudessem enriquecê-lo com suas produções e seus saberes, pois a sua organização demonstra qual é a intenção pedagógica da escola. Mais precisamente, deveria ser um espaço incompleto onde o professor munido de intencionalidade pedagógica organizaria a sala junto

com as crianças para elas sentirem que aquele espaço é delas e como o será por todo um ano letivo. Com suas contribuições ele se transformará em lugar porque cada uma das crianças passará a conhecê-lo melhor e atribui-lo-á um valor.

O espaço é planejado e produzido pelos seres humanos. O lugar é construído cotidianamente por cada um dos seus envolvidos, ele dá significado ao espaço físico onde as opiniões, os conhecimentos prévios, a história, a cultura e as produções individuais podem ser expressas e são valorizadas diante da prática do profissional que deve fazer com que o espaço físico oferecido pelo poder público se adapte a uma proposta educacional voltada para a significação do conhecimento. Esta é uma grande dicotomia e um grande desafio - o projeto pedagógico deve se encaixar no espaço oferecido e não o contrário, ser um espaço construído para atender a um projeto pedagógico específico.

A restrição dos espaços faz com que a aprendizagem se torne limitada na medida em que só se aprende o que o professor quer transmitir e só se utiliza os espaços que ele permite, seja no espaço interno da instituição ou no espaço externo, representando a dimensão que ele tem sobre o que é ensinar e o que é aprender. Por isso, a defesa por espaços incompletos porque eles se tornam visíveis aos olhos e atitudes das crianças, onde os conhecimentos são construídos na coletividade.

### **O campo da pesquisa**

A pesquisa foi realizada em uma pré-escola, que foi o 1º espaço de atendimento exclusivo para crianças pequenas do município de Três Rios. Possui espaços pensados para um trabalho pedagógico com crianças de 2 anos e 6 meses a 5 anos e 11 meses de idade. O campo de estudos está situado no centro da cidade de Três Rios-RJ e tem mais de 50 anos de atuação. Era mantida pelo governo estadual e foi municipalizada há mais de 3 anos. Recebe alunos de todas as classes sociais, que moram em bairros ou no próprio centro da cidade. Sua origem foi marcada pela luta de uma professora em prol de um local adequado para o processo de ensino-aprendizagem das crianças pequenas.

A pré-escola possui 16 turmas, sendo 8 turmas no turno da manhã e 8 turmas no período da tarde, agrupadas da seguinte forma: 2 turmas de maternal III (crianças de 2 anos e 6 meses), 4 turmas de Jardim I (crianças de 3 anos), 5 turmas de Jardim II (crianças de 4 anos), 5 turmas de Jardim III (crianças de 5 anos), atendendo em 2011 a um total de 353 crianças e até o 1º semestre do ano de 2012 estão matriculados 347 crianças. A escolha por

realizar a pesquisa nesta escola, se deu devido à característica da equipe gestora em acreditar na educação infantil como elemento potencializador das capacidades da criança.

A pesquisa de cunho qualitativo do tipo estudo de casos ocorreu por se tratar de um trabalho que procura compreender o contexto analisado, ou seja, tendo como objeto de questão o espaço na educação infantil, buscamos compreender a partir dos espaços construídos para as crianças, os modos como elas se apropriam destes, a partir da teoria histórico-cultural. O contexto desta escola pública municipalizada de educação infantil favoreceu a realização da pesquisa, por conta do espaço físico nele encontrado, assim o campo auxilia a entender o modo como as infâncias e as crianças são reconhecidas nesta instituição, onde elas aprendem brincando, explorando o espaço construído para elas subvertendo as regras determinadas, criam e recriam seus espaços.

A pesquisa se pautou na utilização dos seguintes instrumentos de coleta de dados: observação participante, através de conversas com as crianças no parque, com as professoras, observação das aulas na sala do 1º período, análise do histórico da instituição, registro de imagens através de fotografias e filmagens, além da construção de mapas narrativos e vivenciais como parte finalizadora da pesquisa.

O trabalho tem como foco a visão das crianças, por isso, as entrevistas ocorreram com um grupo de crianças do 1º período matutino com a intenção de descobrir a sua relação com este local, a opinião delas sobre o espaço que utilizam e o lugar que mais gostam e por que. O estudo de caso, no contexto do campo pesquisado, revela as experiências tanto dos profissionais da escola como das crianças, trata a realidade do grupo, a fim de obter informações sobre os diferentes pontos de vista para se chegar à interpretação do contexto, utiliza a visão dos envolvidos e não da maneira de pensar do pesquisador, além de abrir margem para que os leitores possam contribuir com seus pontos de vista, tendo como principal característica a linguagem acessível à interpretação, considera que a realidade não é compreendida, apenas, pelo conhecimento formal, mas também, pelo conhecimento oriundo das sensações, intuições, vivências dos sujeitos.

Outra metodologia empregada foi a construção de mapas narrativos que tem por objetivo apresentar a experiência de mundo do sujeito nos espaços sociais que ele ocupa, através da sua história e da cartografia, ou seja, a construção do mapa narrativo implica a narrativa biográfica e a confecção de desenhos, possibilitando conhecer as representações do mundo vivido de cada sujeito. Eles desenham, sem nenhuma exigência de domínio, o que lhes foi solicitado e ao mesmo tempo narram suas experiências. É uma metodologia que

oferece as pessoas envolvidas o direito a voz, e sendo aplicado com crianças às consideram como sujeitos ativos e únicos na sociedade, cabendo ao pesquisador, considerar a fala, a ação e a interpretação da criança, rompendo com a visão de que para se fazer pesquisa com crianças e compreender suas representações de mundo deveria-se utilizar a confecção de desenhos, por elas ainda não terem o conhecimento da língua escrita e cabia ao pesquisador interpretá-lo de acordo com suas concepções. Este trabalho é pautado na primeira opção metodológica, descrita acima, concebendo as crianças como sujeitos sociais e produtores de conhecimentos.

### **A pesquisa e a análise dos dados**

Montamos algumas perguntas para a entrevista, que foram organizadas para obter a opinião das crianças a cerca do que elas gostam e não gostam na escola, o que fazem e com quem, o lugar escolhido por elas como o favorito e onde estão quando não estão na escola, com a finalidade de desvelar as representações do mundo vivido por elas. Montamos 6 perguntas do tipo: você gosta de vir na escola? Por quê? Quem te traz e busca na escola? O que mais gosta e o que não gosta de fazer na escola? Com quem mais gosta de brincar e de quê? Qual é lugar que mais gosta na escola? E quando não está na escola onde está e o que faz?

As crianças escolhidas para realizarem as entrevistas foram as que tivemos mais contato e por isso, conquistamos sua confiança. Optamos por filmar a conversa com as crianças, a fim de absorver todas as informações descritas por elas.

Realizamos a entrevista com uma criança de 4 anos de idade, que a denominaremos Criança 1, perguntando se gosta de vir para a escola respondeu que sim e acrescentou dizendo: “mas eu ficava em casa o tempo todo”, provavelmente se referindo ao longo período que ficaram em casa devido ao atraso na reforma da escola que culminou com o adiamento das aulas para o mês de março deste ano, gosta de estar na escola porque ela brinca. Ela vai para a escola e para casa com a tia da kombi. Sua opinião a respeito do que mais gosta na escola é a de que na escola ela brinca, joga vídeo game, tudo na escola ela gosta, mas relatou que um amigo bate nela quando pega um brinquedo. Gosta de brincar com “todo mundo”, e as brincadeiras favoritas são: correr e brincar de polícia, sendo o lugar que mais gosta na escola o refeitório, “porque o João vai também” relatou, e nos momentos que

não está na escola ela está na sua casa, perguntamos o que faz em sua casa, disse: “eu papo”, explicando melhor disse: “eu almoço”.

Outra criança entrevistada tem 3 anos e a denominaremos de Criança 2, gosta de vir na escola explicando que é porque sim, perguntamos se ela acha a escola legal, respondeu que sim. Igual a Criança 1 ela também vem e vai embora de com o transporte alugado, sendo a Criança 1 com a tia da kombi e ela com o tio da Van. Perguntada sobre o que mais gosta de fazer na escola, olhou para todos os lados da sala, observando cada detalhe e parecendo que estava procurando algo e encontrou uma plantinha na janela, respondeu-nos que mais gosta de plantar, pois haviam plantado uma planta com a tia nos dias anteriores e ela estava na janela tomando sol e enfeitando a sala. O amigo que mais gosta de brincar é o Gabriel e brincam “de balanço”, panelinha e baldinho, como afirmou. Após a pergunta do lugar que ela mais gosta na escola, tivemos que dar vários exemplos do que existe na escola, como o balanço, a casinha de boneca e a sala, respondeu da seguinte forma: “eu gosto só do parquinho”, não explicitando o que do parquinho, mas o escolheu de um modo geral. Está em sua casa quando não está na escola.

Mais uma criança foi escolhida para encerrarmos o momento das entrevistas, um menina de 3 anos, chamaremos de Criança 3. Gosta de ir à escola porque gosta de brincar. Também vem para a escola e vai embora com a tia da Van. Gosta de brincar com a amiga de pecinha e com o bate-bate que traz de sua casa para a escola todos os dias e na escola ela não gosta quando um amigo da sala a empurra e, então, ela fala com a tia. O lugar que mais gosta na escola é perto de sua amiga e brincam embaixo da mesa da sala, além de brincar no parquinho de baldinho, de balançar, no túnel e na quadra. Quando está na sua casa disse: “eu ‘to’ brincando lá na quadra perto de casa, brinco com meu baldinho de peça e com meu monte de boneca”.

Utilizando-se da imaginação a Criança 1 gosta de jogar vídeo game e para tanto cria no espaço os elementos necessários para sua brincadeira, além de gostar de brincar de polícia e correr. Segundo Santos (2009, p. 165), a imaginação surge na “capacidade que o sujeito tem de combinar variáveis e fazer uma nova leitura da realidade”. A imaginação é um processo criativo da criança e está ligado às experiências vividas no contexto do seu grupo social, fazendo surgir a brincadeira de faz-de-conta que oferece a ela a possibilidade de recriar o espaço que utiliza, modifica a realidade atribuindo-lhe outros sentidos e significados, além de subverter a regras determinadas. A brincadeira de faz-de-conta permite



à criança se tornar aquilo que não é na realidade, com ela a criança ultrapassa os limites impostos pela sociedade.

Em suas brincadeiras a Criança 1 resgata os elementos de sua experiência e os dão vida na escola, como jogar vídeo game e a brincadeira de polícia, que ela é o policial e tem que prender os bandidos. Elege “todo mundo” quando questionada sobre com qual amigo gosta de brincar, a Criança 2 após longa observação da sala, relata que gosta de plantar, atividade que realizaram com a mediação da tia e elege assim como a Criança 3 um amigo em particular para brincar, com os mesmo interesses e com quem tem maior grau de afinidade. O lugar na escola foi destacado nas falas como sendo o refeitório e o parque, explicando o que fazem e de que brincam no parque, além da gostar de brincar embaixo da mesa, como destaca a Criança 3. Todas ficam em casa quando não estão na escola, brincando e desenvolvendo a imaginação, assim como lhes é oportunizado na escola. Para a construção dos mapas narrativos optamos por escolher uma criança que havia participado da entrevista para conferir se na sua produção constaria os elementos apontados na sua resposta, quando questionada a respeito do lugar que mais gosta na escola e uma criança que não havia participado da entrevista, com o objetivo de ter acesso a sua representação do lugar que mais gostam na escola, sem ter como referência alguma resposta dada no momento da entrevista.

Na construção dos mapas narrativos foi pedido que a criança desenhasse o lugar que mais gosta na escola e, enquanto desenhava pedimos que contássemos sobre seu desenho, por ser esta uma das características da construção dos mapas narrativos; a narrativa e o desenho. O objetivo do mapa narrativo ser construído a partir de um lugar escolhido pela criança na escola se justifica na perspectiva de que a escola é um espaço físico construído para elas e para se ter acesso ao mundo delas e descobrir como elas se apropriam deste espaço é preciso conhecê-lo a partir da visão dos sujeitos nela envolvidos. A diferença existente entre espaço físico e lugar se apoia nos estudos desenvolvidos pela Geografia da Infância, que concebe o espaço como algo passível se tornar lugar pelo sujeito que o manipula, recreia novos espaços a partir do que dispõe, por que o sujeito transporta para o espaço julgamentos com valores afetivos e o atribui, como lugar.

A criança escolhida para construir o mapa narrativo foi a Criança 3, e assim como aparece em sua resposta à questão do lugar que mais gosta na escola, ela desenha, no primeiro momento, o balanço, o túnel e a quadra. A cada desenho perguntávamos o que ela havia desenhado, pois a narrativa não estava junto com a produção, ela se concentrava para o desenho e depois nos falava sobre o que tinha desenhado. Ao desenhar o túnel perguntamos

se ele era grande assim como ela o estava desenhando, afirmou que sim e tinha um monte de bolinhas dentro dele. Perguntamos, após ela ter falado que tinha desenhado a quadra, se era a quadra do colégio, pois havia relatado que perto de sua casa tinha uma quadra onde brincava. Continuou sua produção. Desenhou um peixe perguntamos por que, disse que na sua casa tem um aquário. Escolheu a cor roxa e desenhou a terra do parquinho da escola no final da folha como se o final da folha representasse o chão. Após ter solicitado que nos falasse o que havia desenhado, disse: “Fiz o negócio de rodar”, queria dizer que era o brinquedo roda-roda que tem no parquinho. Continuou o desenho dizendo que tinha feito um monte de bolinhas de sabão. Terminado os desenhos, ela pegou um lápis de cor e pintou o túnel, o balanço e a quadra, os outros desenhos ela pintou de canetinha roxa, exceto as bolinhas de sabão nas laterais da folha, que foram pintadas com lápis de cor e canetinha. Enquanto estava pintando seus desenhos, disse que seu pai não iria trabalhar naquele dia, afirmando que era sábado. Domingo? Perguntou-nos. Respondemos a ela que era quinta-feira. Acrescentou ainda, dizendo que no dia do seu aniversário vai ter fogos todo colorido. Quando terminou de pintar entregou o desenho dizendo que já havia acabado.



Mapa narrativo da criança 3.

Outros desenhos foram produzidos por crianças com a mesma idade, 3 anos, o que nos remete ao questionamento de que não é possível classificar as crianças em etapas de desenvolvimento. Cada criança o produziu de acordo com as referências que possui do

mundo, de acordo com suas vivenciais e com sua capacidade criadora, pois sendo sujeitos únicos se desenvolvem aos seus ritmos próprios.

Os mapas narrativos e vivenciais nos oferecem a possibilidade de conhecermos os modos particulares dos sujeitos compreenderem o mundo, representando-nos através de desenhos, pois “as crianças não desenharam o que veem, mas sim o que conhecem” (LOPES *apud* VIGOTSKI, 2010, p.217) e conhecem porque a escola pesquisada faz de seu espaço, um espaço incompleto que as crianças têm a oportunidade de manipulá-lo e recriá-lo acrescentando-lhes suas interpretações de mundo.

### **Considerações finais**

Partimos dos aportes teóricos da teoria histórico-cultural, que entende os sujeitos como seres únicos e tem Vigotski como seu grande colaborador, considerando-a como ponto de partida para nossas discussões, por entendermos que a partir dela as crianças são consideradas em sua diversidade, tem a possibilidade de participarem ativamente do processo de construção de conhecimentos e considerando o espaço como incompleto as crianças o criam/recriam/manipulam em meio às possibilidades de interpretação particular dos sujeitos ao mundo que se apresenta, independente de quem foi o autor da construção. O estudo de caso e a construção dos mapas narrativos e vivencias foi a metodologia de pesquisa escolhida por proporcionar a inserção do pesquisador no mundo das crianças para compreender o modo como elas o representam e se apropriam dos espaços destinados a elas.

Na pré-escola pesquisada observamos que o contato social, a exploração dos espaços externos e internos, as produções das crianças são valorizadas e toda proposta pedagógica da escola colocam-nas no centro do processo da aprendizagem.

No decorrer das entrevistas os relatos das crianças demonstram que a escola é um lugar que gostam de estar, porque a tem como um lugar onde brincam, caracterizando que na escola as crianças aprendem brincando, explorando o espaço e encontram nela o respeito aos seus contextos sociais, históricos, culturais e geográficos.

Durante a produção dos mapas narrativos a fala esteve distante do desenho, tendo-nos que pedir para elas nos contarem, uma atividade complexa para as crianças. Na entrevista e na produção da Criança 3 os objetos citados por elas sofrem a referência dos objetos que utiliza em casa nas suas brincadeiras.

Analisando os desenhos realizados pelas crianças com a mesma idade, percebemos que cada uma tem um jeito próprio de se expressar e sendo seres diferentes não podemos

determiná-las a padrões de desenvolvimento, pois cada criança tem um ritmo, pertence a um grupo social, o que a torna um sujeito único e a escola tem uma representação particular para cada sujeito que o manipula e recria os espaços transformando-o em um lugar.

## Referências

- ANDRÉ, Marli. *Estudo de caso, uma alternativa de pesquisa em educação*. Disponível em: <<http://www.ce.ufes.br/educacaodocampo/down/cdown2/pdf/texto4.pdf>> . Acesso em: 15 de maio de 2012.
- ANDRÉ, Marli. *Estudo de caso: seu potencial na educação*. Disponível em: <[http://www.educafcc.org.br/scielo.php?script=scipdf&pid=S010015741984000.200006&Ing=es&nr\\_m=iso&tlng=pt](http://www.educafcc.org.br/scielo.php?script=scipdf&pid=S010015741984000.200006&Ing=es&nr_m=iso&tlng=pt)> . Acesso em: 20 de maio de 2012.
- BORBA, Angela Meyer. LOPES, *et al.* Desenho e infância: buscando compreender as crianças e seus modos próprios de ver o mundo. In: SILVA, Léa Stahlschmidt P.; LOPES, Jader Janer Moreira. *Diálogos de pesquisa sobre crianças e infâncias*. Niterói – RJ: EdUFF, 2010.
- BRASIL. *Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil*. Conselho Nacional de Educação. Resolução nº 05. Resolução da Câmara de Educação Básica, aprovada em 17 de dezembro de 2009. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 2009.
- BRASIL. Congresso Nacional. *Lei de diretrizes e bases da educação nacional*. Lei nº 9394/96, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Diário Oficial da União, Brasília, DF, 1996.
- BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil*. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 05 out. 1988.
- BRASIL. *Estatuto da criança e do adolescente*, Lei nº 8069, de 13 de julho de 1990.
- BUJES, Maria Isabel Edelweiss. Educação infantil: pra que te quero? In: CRAIDY, Carmem Maria; KAERCHER, Gládis Elise P. da Silva. (org.), *Educação infantil: pra que te quero?* Porto Alegre: Artmed Editora, cap. 1, p. 13-22, 2001.
- FARIAS, Mabel. Infância e educação no Brasil nascente. In: VASCONCELLOS, Vera Maria Ramos de. (org.), *Educação da infância: história e política*. 2ª edição – Niterói: EdUFF, 2011.
- LOPES, Ana Lúcia Adriana Costa e. Nomeando os tempos nos espaços de infância. In: SILVA, Léa Stahlschmidt P.; LOPES, Jader Janer Moreira. *Diálogos de Pesquisa sobre Crianças e Infâncias*. Niterói – RJ: EdUFF, 2010.
- LOPES, Jader Janer Moreira, VASCONCELLOS, Tânia de. *Geografia da infância: reflexões sobre uma área de pesquisa*. Juiz de Fora: Feme, 2005.
- LOPES, Jader Janer Moreira. Cartografia com Crianças: “Atlas da Creche UFF”. In: SILVA, Léa Stahlschmidt P.; LOPES, Jader Janer Moreira. *Diálogos de pesquisa sobre crianças e infâncias*. Niterói – RJ: EdUFF, 2010.
- OLIVEIRA, Carmen Irene C. de. e FERNANDES, Cláudia Oliveira. *Pesquisa em educação e projeto político-pedagógico 4*. Rio de Janeiro: Fundação CECIERJ, 2009.

- PRESTES, Zoia Ribeiro. *Quando não é quase a mesma coisa: análise de traduções de Lev Semionovitch Vigotski no Brasil: repercussões no campo educacional*. Tese (Doutorado em Educação). Universidade de Brasília, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação. Brasília, 2010.
- SILVA, Léa Stahlschmidt P. e ARAÚJO, Viviam Carvalho de. Reflexão crítico-colaborativa na creche: o espaço em discussão. *Revista Educação em Foco*, Juiz de Fora: UFJF, v.13, n. 2, p. 45-65, set 2008/fev 2009.
- REGO, Teresa Cristina. *Vygotsky: uma perspectiva histórico-cultural da educação*. Petrópolis, RJ: Vozes, 19ª ed., 2008.
- SANTOS, Ilka Schapper. A imaginação e o desenvolvimento infantil. *Revista Educação em Foco*, Juiz de Fora: UFJF, v.13, n. 2, p. 125-138, set 2008/fev. 2009.
- SANTOS, Núbia Schaper. Quando os saberes sobre infância, subjetividade e espaço sentam-se à mesa. In: *Revista Educação em Foco*, Juiz de Fora: UFJF, v.13, n. 2, set 2008/fev 2009.
- VASCONCELLOS, Tania de. *Criança do lugar e lugar de criança*. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/reunioes/29ra/trabalhos/trabalho/GT07-2482--Int.pdf>> . Acesso em: 20 de março de 2012.
- VIGOTSKI, Lev Semionovich. *Quarta aula: a questão do meio na pedologia*. Trad. Márcia Pileggi Vinha. Disponível em: <[http://www.revistasusp.sibi.usp.br/scielo.php?pid=S167851772010000400003&script=sci\\_arttext](http://www.revistasusp.sibi.usp.br/scielo.php?pid=S167851772010000400003&script=sci_arttext)> . Acesso em: 26 de junho de 2012.

**Resumo:** Neste trabalho a partir da teoria histórico-cultural buscamos compreender nos espaços construídos para elas os modos como as mesmas se apropriam destes, podendo manuseá-lo e atribuir status de lugar. O trabalho está embasado nas contribuições de Lev Semionovitch Vigotski, através das traduções de Zoia Ribeiro Prestes, juntamente com os estudos promovidos pelo Grupo de Pesquisa em Geografia da Infância /UFF, em artigos do Prof. Dr. Jader Janer Moreira Lopes e outros que apresentam contribuições à educação infantil na forma de se (re) elaborar os espaços infantis. Optou-se por um estudo de caso e pela metodologia de construção de mapas narrativos e mapas vivenciais, em uma escola pública municipalizada de educação infantil na cidade de Três Rios-RJ. Os resultados mostram que a criança cria/recria/manipula seu universo em meio às possibilidades de interpretação particular dos sujeitos ao mundo que se apresenta, independente de quem foi o autor da construção.

**Palavras-chave:** Infância; Espaço; Educação Infantil.

**Abstract:** In this paper from the cultural-historical theory we seek to understand them in built modes as they take ownership of and can handle it and assign status of place. The work is rooted in the contributions of Lev Semionovitch Vygotsky through the translations of Zoia Ribeiro Prestes, along with the studies promoted by the Research Group on Geography of Childhood / UFF in articles of Prof. Dr. Jader Janer Lopes Moreira and others who have contributions to early childhood education in order to (re) develop spaces for children. We opted for a case study and the methodology of constructing maps and maps experiential narrative, in a public school of municipal kindergarten in the town of Três Rios, RJ. The results show that the child creates / recreates / manipulates his universe amid the possibilities

of interpretation of the particular subject that presents itself to the world, regardless of who authored the construction.

**Keywords:** Childhood; Space; Early Childhood Education.

Recebido em: 25/08/2012

Aceito em: 14/09/2012